

# *Soros sugere um “muro de dinheiro”*

Assis Moreira  
de Davos

O financista George Soros sugeriu ontem, no Fórum de Davos, que os bancos comerciais internacionais se juntem ao FMI e ao G-7 para garantir rapidamente um “muro de dinheiro” para ajudar o Brasil a estabilizar sua moeda.

Soros disse que o risco para emprestar ao Brasil é baixo, comparado à Rússia, e sugeriu que os créditos poderiam ser vinculados à receita da venda de empresas estatais. “Não há muito tempo, porque, se se deixar a situação deteriorar mais, será mais difícil estabilizar depois”, alertou.

Mas ontem mesmo representantes dos bancos deixaram claro que, antes de qualquer coisa, querem ser incluídos na discussão com o Fundo Monetário e o governo brasileiro sobre o novo programa econômico em gestação em Brasília.

Charles Dallara, diretor do Instituto Internacional de Finanças, que reúne os 300 maiores grupos financeiros do planeta, declarou não haver dúvidas sobre “um grande engajamento da comunidade financeira privada, e não apenas dos bancos”, mas que “isso não significa fazer um muro financeiro”.

“O muro deve ser erigido através da política fiscal e isso manterá o dinheiro no Brasil”, argumentou. “Simplesmente não dá para o FMI e o Brasil se reunirem de novo, criarem um novo programa e depois esperar que os mercados automaticamente abracem isso. Elas (as instituições financeiras) devem participar das discussões”, reagiu Dallara, em Davos.

Numa concorrida entrevista, e consciente do peso de suas palavras como o financista mais famoso do planeta, Soros sustentou que o Brasil preenche os critérios de “bom país”, para receber assistência internacional adicional: “O país aprovou

Financista propõe que bancos se juntem ao FMI e G-7 e garantam estabilidade do real



George Soros

quase todas as medidas fiscais exigidas, a moeda está subvalorizada e o problema que continua é que o governo não pode tomar empréstimo a juros razoáveis”.

Nesse contexto, o FMI, o G-7 e os bancos comerciais deveriam formar um “pool” como um global “empresariado de última instância”, conceito em debate pelo qual somente países que preenchem certos critérios econômicos e financeiros receberiam assistência financeira adicional.

Para o ministro de Economia da Indonésia, Ginandjar Kartasasmita, o conceito é bonito, mas falhará na prática. O que mercado deve considerar mesmo, ao seu ver, é que o custo para o mundo da atual crise, primeiro na Ásia, depois na Rússia e agora no Brasil excedem “de muito o custo de um pacote de dinheiro real. Basta ver as perdas sofridas pelas bolsas dos Estados Unidos e da Europa”.

Soros comentou que está claro que o Brasil atingiu o ponto “onde estabelecer um muro de dinheiro estabilizaria a situação, porque todas as pré-condições estão lá”. E co-

mentou que o Brasil precisará não muito mais além dos US\$ 41,5 bilhões já prometidos pelo FMI e pelos países industrializados. Em todo caso, insistiu, “não resta muito tempo para estabilizar a situação no Brasil, mas não vou falar quanto, porque na última vez que falei algo parecido não ajudei a situação na Rússia”. Explicou que colocar dinheiro novo no Brasil é a única maneira de quebrar o círculo vicioso da crise. Agora seria adequado tomar empréstimo em dólares, já que o real está subvalorizado. Quando a moeda se recuperar, o custo do financiamento ficará mais barato.

“Digo isso porque, como consequência da depreciação, quando a moeda se recuperar, o que vai acontecer, terá a inflação de digamos 15%, e será igualmente benéfica para o equilíbrio fiscal brasileiro, já que a receita dos impostos é imediata enquanto o orçamento é em base anual.” Para Soros, as condições para o pacote financeiro para o Brasil são boas porque, como a crise brasileira foi “a mais anunciada da história recente”, os bancos tiraram seu dinheiro do país “e agora eles ajudariam emprestando de volta em termos comerciais razoáveis”.

Lembrou que nesse ambiente os bancos não estão no limite do risco-país e têm muito mais recursos para arriscar. E em termos de risco, não dá para comparar Brasil e Rússia. “A Rússia é um grande risco, o Brasil não”.

Outro argumento em favor de uma assistência privada é que, nos cálculos de Soros, “cerca de 40% dos bancos no Brasil estão em mãos estrangeiras e tem interesse em es-

tabilizar a situação”.

Como boa parte dos participantes do Fórum de Davos, George Soros também mostrou-se perplexo com a condução da economia brasileira, nos tempos de crise. “A coisa realmente interessante sobre o Brasil é que não dá para alegar que seguiu todas as políticas corretas, porque praticamente tudo o que poderia ser feito de errado foi feito de errado.”

Ainda segundo Soros, o aumento dos juros, na semana passada, foi uma medida desastrosa, que reforçou o movimento contra o real, pondo em dúvida a solvência do País. “Nesse ponto o FMI está errado.”

Sobre a questão do melhor regime cambial, Soros lembrou que todos estão condenados a falhar, e por isso é sempre necessária uma certa intervenção. “Câmbio é como casamento, a alternativa é sempre a melhor.” Ele descarta o “currency board” para o Brasil agora, por falta de condição, mas acha que “a questão está

sendo ativamente considerada”.

Apesar de sua “simpatia” por controle de capital a curto prazo, o financista acha que não seria a melhor recomendação a ser feita ao Brasil, na atual situação em que o mercado espera justamente garantias de segurança.

Para outros influentes participantes do mercado financeiro, a proposta de Soros não significará que todos os bancos privados devam ser ouvidos para participar de um pacote para o Brasil.

“Basta sentir o pulso do mercado”, avaliou um dirigente bancário, estimando que falta apenas Brasília comprovar seu engajamento pelo ajuste fiscal.

(Mais informações sobre o FMI na página A-4)